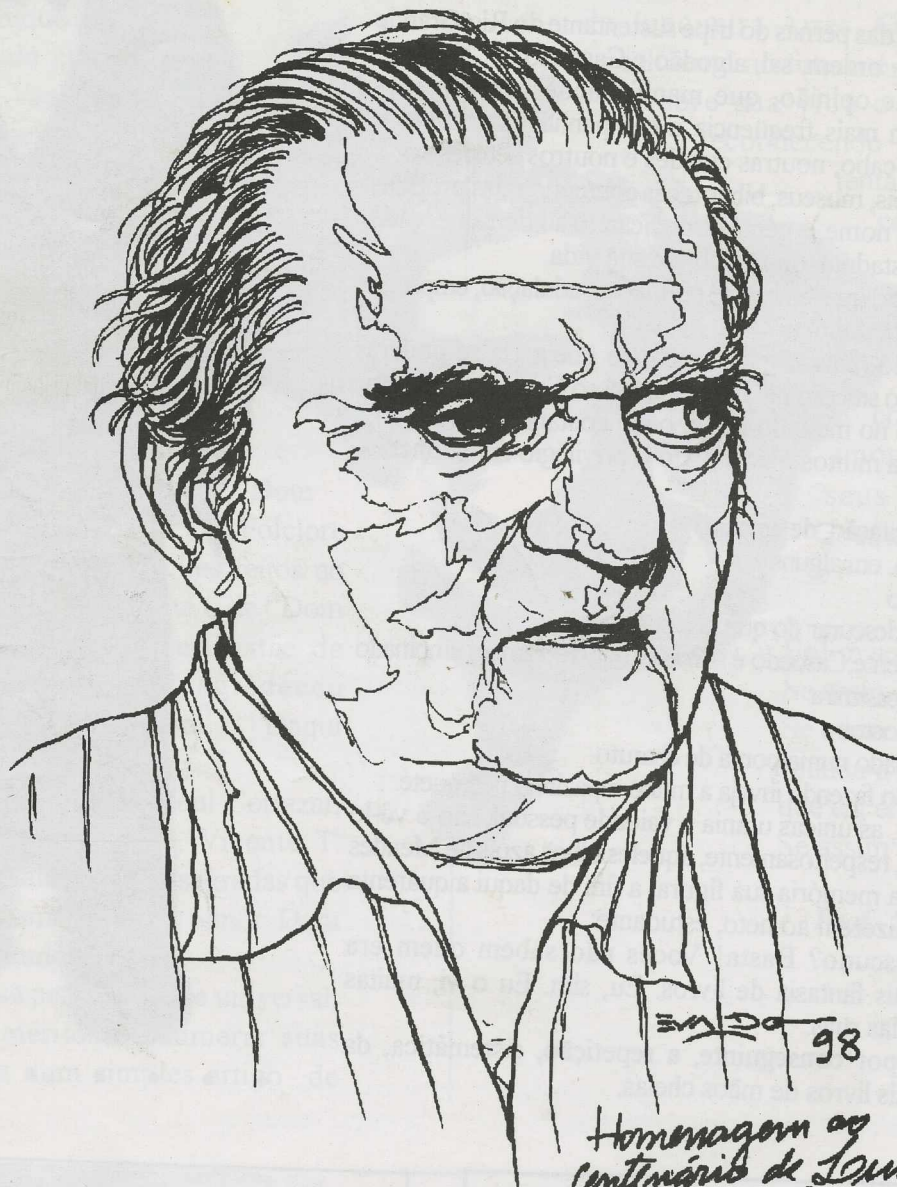


# O Potiguar

Ano 1 1º 06

Junho/Julho 98



Homenagem ao  
Centenário de Luís  
da Câmara Cascudo  
(1898-1998)  
Natal-RN

*Luís da Câmara Cascudo  
Mestre do Folclore*

# Câmara Cascudo

Afranio Pires Lemos. Crônica publicada no Diário de Natal, de 20/01/61, na coluna Banco de Jardim

*Luis da Câmara Cascudo teve, mais uma vez, seu nome em foco, nesta província, com uma exposição organizada pela diretora Zila Mamede, poetisa nas horas exatas.*

**T**udo muito bom. Os abraços e a presença de amigos, aos quais o mestre já deve estar acostumado, mas que sempre serve, sempre ajuda.

Cascudo é uma das pernas do tripé sustentante do Rio Grande do Norte, que são, pela ordem: sal, algodão e Cascudo.

Sou mesmo de opinião, que manifestações semelhantes deveriam ocorrer, com mais frequência a campanhas educativas e informativas levadas a cabo, noutras cidades e noutros setores.

Escolas, quartéis, museus, bibliotecas contendo salas próprias para esse homem e seu nome, e gente se dedicando ao derrame, cada vez maior, pelo solo estadual, de sua obra e sua vida.

Não de um modo que lembrasse obrigação, adulação, emprego de verbas, malversação, política.

Sim, no sentido mais amplo e honroso que a ela se poderá emprestar, num esforço sincero para tornar o nosso Cascudo, homem conhecido e admirado no meio do povo, onde gostará de viver.

Porque, sei; a muitos não é dado o privilégio de conhecê-lo, nem a seus livros

Falta de orientação, de dinheiro

falta de gosto, em alguns

analfabetismo

mania de se descurar do que nos pertence.

para muita gente, Cascudo é somente aquele homem empinado

jaquetão de casimira

cabeleira a postos

sorriso trancado numa ponta de charuto

e andar airoso fazendo inveja a muito rapazinho perequeté.

E, para eles, as únicas ufania e vaidade pessoal, são o vê-lo passar cumprimentar, respeitosamente, aqueles olhos azuis de Mendes Campos e guardar na memória sua figura, a fim de daqui a quarenta ou cinquenta anos, dizerem ao neto, estudante:

-Quem? Cascudo? Basta! Vocês não sabem quem era Cascudo! Isso é mais fantasia de livros. Eu, sim. Eu o vi, muitas vezes, passeando pelas ruas.

- Recomenda-se, por conseguinte, a repetição, sistemática, da exposição e mais livros de mãos cheias.



## EXPEDIENTE

Diretor

-João Gothardo D. Emerenciano

Editor

-Moura Neto

Revisão

João Gothardo D. Emerenciano

-Giuliano Emerenciano Ginani

Programação Visual

-Arandi Sales

Gerente comercial

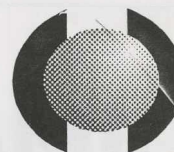
-Carlos Frederico da Câmara

Impressão

-Gráfica Nordeste.

O Potiguar

Avenida Prudente de Moraes, 625 - Tirol - Natal/RN - CEP: 59 020 - 400



HIPÓCRATES  
COLÉGIO E CURSO

1999-Ano do Quatrocentenário da  
Cidade do Natal

Rua Jundiá, 421 - Tel.: (084) 222-4367  
Natal - Rio Grande do Norte

# Dom Luís da Câmara Cascudo

*Mestre maior do folclore do Brasil, estava entre os três maiores do mundo. Estudou e pesquisou os mais diversos ramos das Ciências Humanas e Sociais. Historiador, Etnógrafo, Antropólogo, Sociólogo, Ensaista, Jornalista, Tradutor, Comendador, Memorialista e Contista, que deliciava qualquer leitor com seu estilo comunicativo, alegre e gostoso.*

No universo do conhecimento folclórico ninguém mais que Cascudo em nosso país, alcançou maior destaque e domínio escrevendo obras de ênfase universal, como: "Vaqueiros e Cantadores", "Dicionário do Folclore Brasileiro", "Cinco Livros do Povo", "Geografia dos Mitos Brasileiros", e tantas outras obras que a crítica universal consagrou, a ponto de nas várias correspondências de Instituições e Universidades famosas o trataram de "Dom Luis da Câmara Cascudo" (O Rei do Folclore Brasileiro). Entre os vários convites feitos ao Emérito Folclorista Brasileiro, está o de "Dom Miguel de Unamuro" (Mestre ilustre da Salamanca). O Mestre agradeceu carinhosamente e saiu-se com esta: \_ Daqui não saio, deste canto de muro.

Muitas são as cartas de Raul Cortazar, Fábio Fialho, René el Colosso, Vicente T. Menosa, todas personalidades consagradas que o tratavam respeitosamente de "Senhor Dom Luis da Câmara Cascudo".

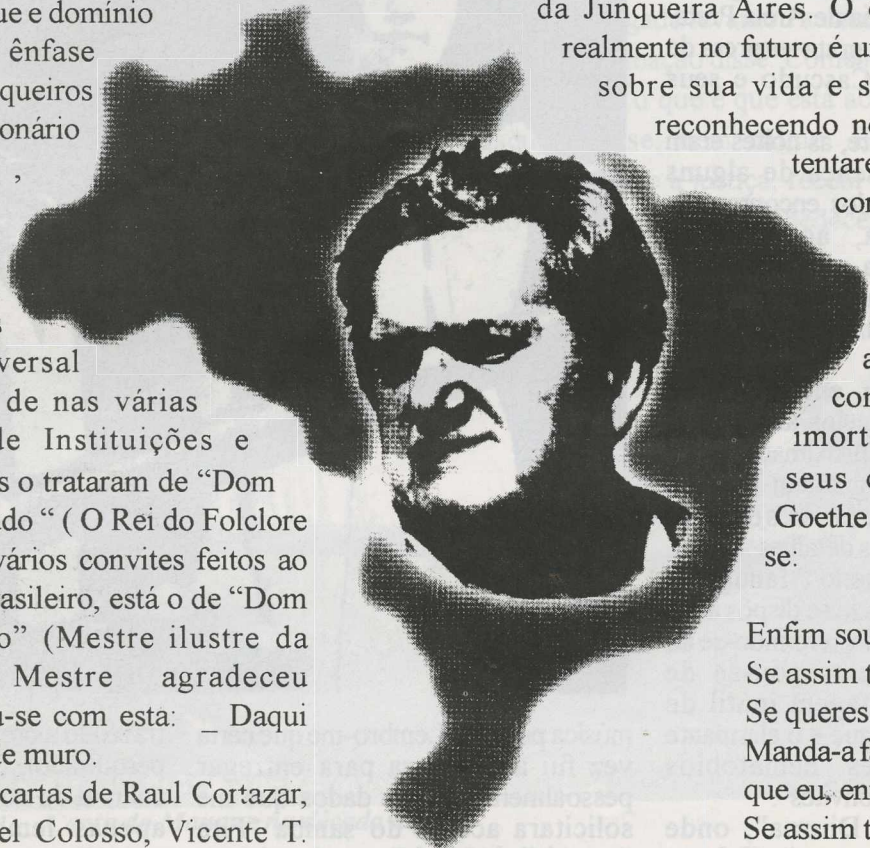
Para falar dessa personalidade universal, descrever os seus méritos e enumerar suas comendas não seria num simples artigo de

jornal que poderíamos fazer. Aqui ficam algumas referências, alguns pontos importantes da vida do Mestre da Junqueira Aires. O que pretendemos realmente no futuro é um grande trabalho sobre sua vida e sua obra, mesmo reconhecendo nossas limitações,

tentaremos resgatar esse compromisso com a sociedade norterio-grandense, que o estimava e admirava, o Mestre como ser humano e imortal reconhecia os seus defeitos e com Goethe auto se afirmava se:

Enfim sou o que sou,  
Se assim te sirvo, aqui estou.  
Se queres mais linda prenda,  
Manda-a fazer de encomenda.  
que eu, enfim, sou o que sou,  
Se assim te sirvo, aqui estou.

*Prof. Severino Vicente*

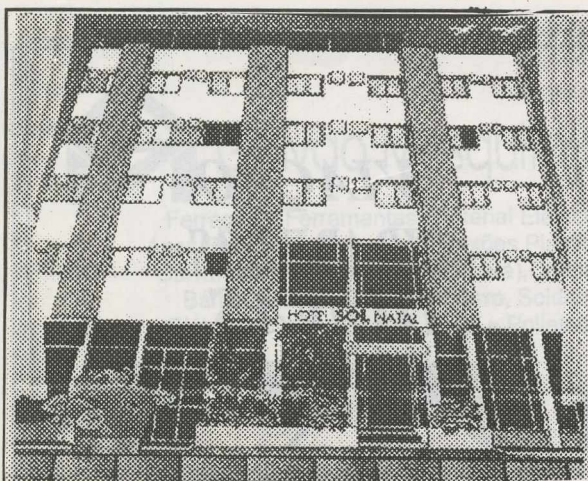


## HOTEL SOL NATAL

- ★ Localização central e a poucos minutos das praias.
- ★ Café da manhã regional
- ★ Andar para não fumantes.
- ★ Salão na cobertura com vista para o rio potengi e dunas do litoral
- ★ 54 aptos. Panorâmicos com ar condicionado, TV, frigobar e outras comodidades.
- ★ Aceitamos cartões de crédito.

**R\$ 17,50** preço por pessoa em apartamento duplo

Rua Heiro carrilho, 107 - centro - PABX : (084) 211 - 1154-TLX: (84. 2464)  
FAX: (084) 221-1157-Natal-Brasil



# Relembrando Cascudo

*Em breves palavras, falarei sobre a minha convivência com o mestre Câmara Cascudo e sua família. Não devo esquecer que, nos idos de trinta, fui seu aluno quando lecionava história do Brasil no Ateneu Norte-Riograndense.*

**M**as só em 1953 quando, já adulto, voltara a morar em Natal é que nasceu a nossa convivência e a consolidação da amizade familiar. No final desse ano, enquanto terminava a construção da minha atual residência, um amigo me cedeu sua casa na praia de Areia Preta. Foi então que surgiu a grata surpresa de ter como vizinhos Cascudo e seus familiares.

Nesse ambiente, as noites eram animadas pela presença de alguns amigos. Lembro-me dos encontros da praça da Jangada, ao som da musicalidade levada pelo seu filho Fernando Luiz, ouvida pelo nosso grupo a quem Cascudo denominara "Clube dos Maridos Oprimidos".

A partir de então, nosso convívio prosseguiu pelos anos afora. No âmbito da nossa aproximação devo fazer referência à linguagem própria, irônica ou satírica, que às vezes utilizava ao comentar pequenos detalhes. Assim, em seu livro "Pequeno Manual do Doente Aprendiz", onde se dispôs a me dedicar um capítulo, diz referindo-se ao laboratorista: "Encarregou-se de pesquisar a percentagem inútil de hóspedes no meu sangue e o alarmante crescimento desses hematóbios aproveitadores sem convites".

E na "Acta Diurna", onde discorre sobre a programação "Museu do Disco" que apresentei em 1960 na Rádio Nordeste, revela: "Grácio Barbalho coleciona discos como outros juntam selos, orquídeas, caixas de fósforos, ou livros alheios".

Algumas vezes me pedia, sempre por escrito, esclarecimentos sobre ligeiros detalhes ligados à nossa



música popular. Lembro-me que certa vez fui à sua casa para entregar pessoalmente alguns dados que me solicitara acerca do samba "Fita Amarela" de Noel Rosa. Ao chegar, encontrei-o sendo entrevistado pela jornalista Lena Frias, na época ligada ao Jornal do Brasil. Ouvi, então, as suas primeiras palavras: "Grácio, esta moça deve ser fria só no nome". É evidente que, neste pequeno relato, não poderia me deter no verdadeiro universo do Mestre Câmara Cascudo,

trazendo a presença do historiador, do pesquisador, do folclorista, da glória cultural do nosso Estado. Aqui estão apenas lembranças dos nossos encontros, ressaltando a amizade que une as nossas famílias. Outras incidências de conteúdo original se juntariam às que descrevi e todas elas, certamente, permanecerão na minha memória.

*Grácio Barbalho*

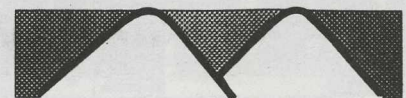
FELIPE CAMARÃO,  
MORREU A 350 ANOS,  
NO DIA 24 DE  
AGOSTO.

Luís da Câmara Cascudo  
Folclorista e historiador



1898 - 1998

VIAÇÃO  
CIDADE DAS  
DUNAS



# Câmara Cascudo, O homem obediente à lei

Certa vez, ele estava no Canto do Mangue, fazendo uma pesquisa, junto aos pescadores, material para o livro **Jangada e Jangadeiros**. Normalmente ele ia passar os fins de semana junto com os pescadores, levava uma ancoretta de aguardente de cabeça, para dá aos pescadores e beber também junto com eles.

Os pescadores guardavam o que havia de melhor em peixes para comerem junto com o Comendador. Em um desses finais de semana, não sei se o peixe estava melhor ou a cachaça, talvez a cachaça, porque eles se exederam mais, e, uma porção deles se embriagou. Em virtude da embriaguês houve uma certa confusão: coisa mesmo de bêbado.

A polícia chegou e não contou estória, deu voz de prisão a todo mundo e mandou entrar todos no camburão. Câmara Cascudo entrou também junto com os pescadores, foram direto para delegacia de plantão,

lá chegando o delegado botou todo mundo em fila para ser atendido, ficou sentado no bureau ouvindo um por um e fazendo as devidas anotações, de cabeça baixa e a cara muito ruim.

A proporção que iam chegando onde estava o delegado ele mesmo com a cabeça baixa perguntava: seu nome, o indivíduo dizia, fulano de tal, ele anotava,

dava um carão e mandava recolher no xadrez ou ir embora. A fila foi andando, chegou a vez de Câmara Cascudo, o Homem com a cabeça baixa como sempre perguntou: seu nome, ele respondeu: Luis da Câmara Cascudo.

O delegado levantou a cabeça apavorado e num gesto de exclamação disse: Comendador!... Só pode ser um equívoco, o que é que está acontecendo? Câmara Cascudo disse, bem calmo. Eu sou um homem obediente a lei e a justiça, recebi voz de prisão e vim junto com meus amigos, obedecendo a ordem e a lei.

O delegado um bacharel em Direito, mandou imediatamente deixar Câmara Cascudo em casa, ele disse: não, eu vou ficar junto com os meus amigos, porque eu não terminei ainda as minhas pesquisas. O

delegado não teve outra alternativa, mandou deixá-los todos no Canto do Mangue novamente e lá os pescadores continuaram sua festa e ele continuou sua pesquisa.

*Celestino Alves.*

*Currais Novos, 10 de Dezembro de 1986*



*Canto do Mangue na década de 40*



**Galvão Mesquita LTDA**

Ferragens, Ferramentas, Material Elétrico,  
Aços Redondos, Tubos e Conexões Plásticas,  
Galvanizadas e em Ferro (Barbará), Chapas,  
Barros e Cantoneiras em Ferro, Soldas  
Elétricas, Cabos de Aço, Sisal e Polieteno

Tel.: (084) 211-5180  
Fax: 222-1500

Rua Dr. Barata, 217 - Natal-RN

**A MELHOR QUALIDADE  
A MELHOR IMPRESSÃO**

Livros, Revistas, Jornais, Panfletos  
Cartazes, Senhas, Folders...

**222-5248**

**Offset**  
GRÁFICA

Av. Duque de Caxias, 209 - Ribeira

# A exploração do vício pela virtude

O cardeal Leme acaba de proibir um dos nossos hábitos sociais mais antigos. Tanto tinha de velho quanto de hipócrita e cínico. Era a festa mundana para fins religiosos. Ajudava-se a construir uma igreja, erguer um orfanato, dotar uma “creche”, dançando fox-trots e correndo nos ritmos doidos da rumba. No meio havia o álcool sob



vários nomes, os “sandwichs” leves e a moral ainda mais leve e oficial. Católicos apostólicos romanos haviam aceitado a doutrina do velho Tartufo. Este generoso filósofo garantia existir o céu dos acomodamentos. Dava a impressão que a Igreja fechava os olhos argutos ao pecado amável, vestido de claro, num cenário elegante e acolhedor.

As cidades grandes começaram num aproveitamento delicioso dessa tolerância. Dançava-se, bebia-se, flertava-se, sob o mais honesto e animador de todos os propósitos, o propósito de auxiliar as obras sociais da igreja. Quase sempre na comissão promotora havia um padre ilustre, abençoando, inconscientemente, pela simples ação catalítica, as horas de alegria pagã. As revistas ilustradas justificavam tiragens longas, reproduzindo e divulgando a face nova da caridade oficial, exterior, teatral, espetaculosa. Ia-se conquistando o céu através do pecado, como pregava o monge-negro Rasputine. Não havia dúvida, devia existir um Céu dos

acomodamentos, dos acordos, dos entendidos prévios. As festas de caridade multiplicavam-se e com elas a doença da sociedade incristã, charlatanesca, orgulhosa, superior, com seus figurinos especiais de devoção, suas damas monopolisadoras do trabalho religioso, seus jornalistas-comerciais, vivendo e proliferando a sombra da igreja. Chás, garden-party, caçadas de raposa, tudo apareceu em benefício da Igreja. Satanás pregando quaresma.

Agora o cardeal Leme findou com a comédia. Menina religiosa não ganha mais prêmio por dançar bem. Senhora católica não terá nome e retrato por dirigir bailes. Os cronistas elegantes não terão mais a mina de ouro que consistia na divulgação da vaidade estridente dessa sociedade “modesta e cristã”, dedicada a Igreja em serviço carnal. Grande gesto! E logo depois a recomendação de manter as nossas tradições da festa do Natal, a missa do Galo sem o cortejo das “esperas”, dos bailes típicos, das

danças ao ar livre. Agora espera-se a Missa como ela deve ser esperada – em casa, cercado da família comendo a ceia, a velha, sólida, gostosa e secular refeição que reunia toda a geração derredor do patriarca, para ouvir a Missa e receber a bênção. Voltará a época dos presépios, estes sim, de

história nossa, de nossa raça e não a Árvore do Natal, o pinheiro da Europa, coisa exótica, inadaptável e esdrúxula aos nossos costumes. Mas também, quanta gente zangada com a “intolerância” do cardeal eminente... Meu Deus! tantos bailes preparados em benefício da Igreja tal e do dispensário qual!... E os vestidos encomendados? E os planos do amor estilo 1935, rápido e delirante? Tudo vôou. O Cardeal vai criar uma porção de inimigos.

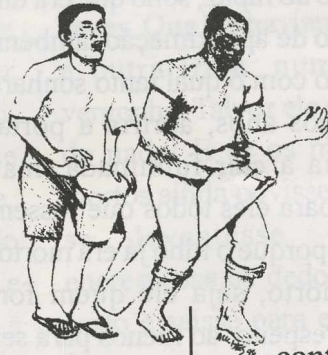
Mas, exultemos. Não teremos mais a visão estranha e nova do pecado alimentando a pureza, o vício explorado pela Virtude. Quem quiser dançar, dance, mas deixe a Caridade em paz. Não há Caridade sem trabalho, sem sacrifício e sem elevação interior. Sempre há diferença entre festa espiritual e festa espirituosa.

*Luís da Câmara Cascudo*

*Transcrito da Revista Ecos do Colégio Santo Antônio. Ano Letivo de 1935. Org. Irmãos Maristas*



## Banzo



Subiu a toada  
dos negros mocambos  
Saiu a mandinga  
de pretos retintos  
vestidos de ganga.

Quilengue, Loanda,  
Basuto, Marvada,  
fazendo munganga  
tentando chamego  
cantando à Xangô.

Escudos de couro,  
Pandeiro, incongos  
Batuques e danças,  
com ferro das lanças.

Terreiros compridos  
de barro batido

cantigas de guerras

com sobas distantes...  
caçada ao leão.

Caninga de choro  
zoada de grilo  
campina de cana  
com água tranquila  
a voz do feitor.

Mucamas cafusas  
moleques zarambos  
na noite retinta  
a toada subia  
dos negros mocambos.

*Luís da Câmara Cascudo*

*Revista de Antropofagia*

*São Paulo - 1928.*



- UNBEC -

**COLÉGIO MARISTA DE NATAL**

*100 Anos de tradição*

Rua Apodi, 330 - Cidade Alta - Natal/RN - 59020 - 130- Fone: (084)  
211-55005 - Fax: (084) 212 - 1216 - <http://www.natal-marista.com.br>  
natep @natal-marista.com.br

# Na Luz Definitiva

O besouro veio voando, voando doidamente, e pousou sobre o rosto macerado do rapaz. Nas primeiras e indecisas luzes da manhã que se coavam através do teto, o besouro era, no rosto do morto, semelhante a uma ilha, mancha escura e parada.

A mulher ficou olhando, abstraída, o besouro que pousara sobre o rosto do filho morto. Os olhos, os lábios, as faces, as mãos, tudo definitivamente parado, sem vida. A mesma boca que tinha chamado de mãe na infância, que tinha enchido a casa e a estrada de gritos, de risadas e choro também, profundamente muda, calada para sempre.

As vozes que chegavam do pátio eram, no silêncio da meia-luz, como uma blasfêmia uníssona que se levantasse de um chão deserto.

Ela, a mulher que tinha o filho morto sobre o colo, sabia que lá fora ainda existia o cerco. Que lá fora estavam os homens armados, vestidos de cáqui, esperando a manhã definitiva, que não deveria tardar, para matá-lo friamente, como se mata a um cão danado. Homens brutos, mil vezes mais brutos que o filho. Por que eram pagos somente para matar?, mesmo quando o filho já dormia profundamente, sono que ela não queria que fosse perturbado? Sono que trazia a morte, o silêncio que emudecia a voz para sempre na garganta e estrangulava para toda a eternidade os gestos e as lembranças.

-Renda-se, Otoniel! Para seu próprio bem!

A noite quase toda fora assim cheia de intimações. Se ela soubesse que não perturbaria em nada o sono profundo do rapaz, sono que era um momento de aproximação também, momento com o qual tanto sonhara por longos anos, abriria a porta, arriscaria a cair fulminada, mas gritaria para eles todos que fossem embora, porque o filho já era morto. E um morto, seja ele quem for, merece respeito, ao menos para ser enterrado em paz. Mas, o filho dormia. E como era triste para ela vê-lo transfigurado pela morte, os lábios entreabertos e vermelhos, sujos de sangue recente, as faces lívidas, rígidas! Totalmente diferente daquele dos dias da infância. Incrível! Vira-o "cair no mato" quase menino, parecia ter sido ontem. Depois, as estórias que começaram a aparecer: mortes e perseguições. A polícia toda no encalço do filho que ela criara para ser um homem de bem, para amar e cultivar a terra de Deus. Mas ninguém procurava saber a razão, os motivos que o tinham levado a cair no mato ainda criança, feito fera acuada.

Soprou o besouro com cuidado: o filho não deveria acordar. Não queria acreditar de maneira nenhuma que aquele já fosse o silêncio definitivo. Se se tratasse realmente da morte, gostaria que o tempo parasse ali, que ela e o filho se tornassem estátuas para a eternidade. Que o quadro ficasse em pedra, como testemunho da brutalidade dos homens. Tornou a soprar o besouro, inutilmente. A morte, estampada no rosto do rapaz,

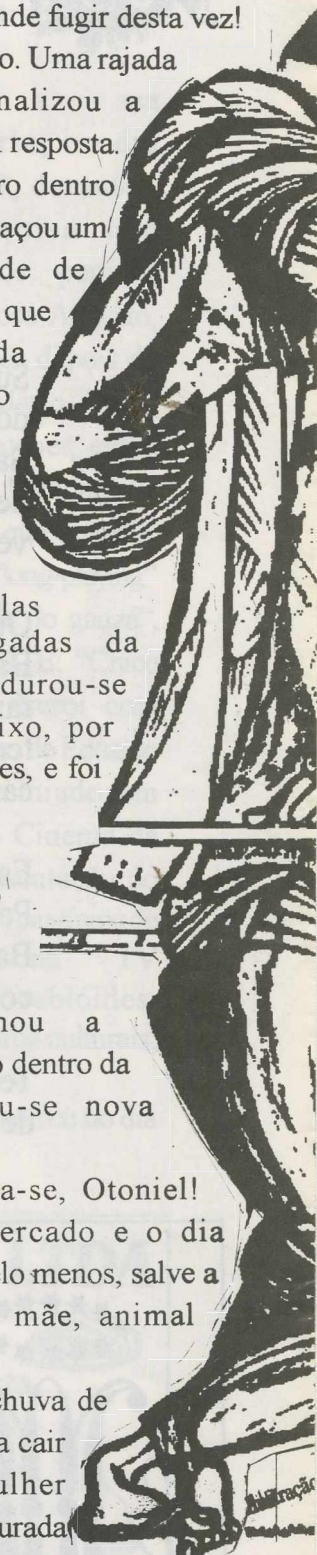
parecia possuir visgo.

-É melhor render-se com vida, Otoniel! Você está cercado, não tem por onde fugir desta vez!

Silêncio. Uma rajada de balas finalizou a intimação sem resposta. Derrubou barro dentro de casa, espedaçou um retrato grande de Padre Cícero que pendia da parede. Se o filho não acordasse... e uma lágrima bem grande, rolando pelas faces enrugadas da mulher, pendurou-se sobre o queixo, por alguns instantes, e foi cair no rosto parado do morto. Outra rajada tornou a derrubar barro dentro da sala. Seguiu-se nova intimação:

-Renda-se, Otoniel! Você está cercado e o dia amanhece! Pelo menos, salve a pele de sua mãe, animal danado!

Uma chuva de pó começou a cair sobre a mulher imóvel, desfigurada pelo sofrimento da noite de angústia e temor, e pelas primeiras manifestações de uma loucura próxima.





# tiva da Manhã

Uma vida de aflições de toda sorte, de estórias feias de sangue e massacres, de saudade também, de desejo de ver novamente o filho,

pedir que se entregasse, que não matasse mais ninguém, a honra da família já havia sido vingada. Mas tudo fora inútil. Inútil até agora, quando o

tinha com a cabeça apoiada no colo, dormindo profundamente. A morte silenciara tudo. Fora para ela como uma noite escura que descesse de repente e cobrisse tudo de negro.

Lembrava-se de que não fazia ainda muito tempo: ouvira pancadas aflitas à porta, abriu-a, e já o rapaz que ela tanto esperara, que ela tanto almejava ver, caía morto, sem que tivesse tempo de falar-lhe, de ouvi-lo, ouvir todas as suas mágoas e vinganças, tudo que ele quisesse

contar para ela escutar como mãe. Ele talvez desconhecesse que o pai morrera de desgosto. Que a polícia voltara a invadir a casa, muitas vezes. Que lhe haviam desgraçado a outra irmã, numa noite de vergonha. Talvez ele não soubesse de nada! E se os mortos, se os mortos ainda ouvissem, talvez ele se levantasse da morte, encrespasse os dedos, fechasse o rosto e saísse para estraçalhar os homens de cáqui que faziam o cerco lá fora!

O sargento impacientou-se. Três noites sem dormir, sem cochilar ao menos, procurando um homem, ora na caatinga traiçoeira e cheia de espinhos, ora dentro das vilas e povoados. Agora que o tinha encurralado, jogado dentro do cerco, hesitava em matá-lo, em acabar com aquela estória de uma vez. Por quê? Talvez não tivesse nascido para perseguir ninguém, para usar da força bruta, mesmo quando ela se fazia necessária como agora.

-Olha, Otoniel! Nós vamos entrar, compreende? E você vai morrer se reagir! É o Sargento João Manuel quem fala!

Silêncio profundo. A manhã definitiva chegara. Subia, da madrugada serena, um cheiro forte de erva, de mato, de terra molhada pela chuva recente. O sargento correu a vista sobre o grupo. Homens por toda parte, deitados, de joelhos, calados ou conversando baixinho. Todos, a um simples gesto seu, dispostos a matar e a morrer. Gritou:

-Otoniel, nem um

movimento que nós vamos entrar, compreende? Nós somos muitos e você está sozinho com sua mãe! – E para a tropa – Vamos, pessoal!

Descreveu um gesto largo com a mão e o círculo de homens foi-se fechando em torno da casa. Os soldados, esfarrapados pela luta na caatinga, foram se chegando pelo copião, aproximando-se das janelas e portas. O cerco chegava ao fim.

Ainda diante da porta, o delegado intimou:

-Saia Otoniel! É melhor para você: Nós não queremos matá-lo, meu filho!

Disse isso e sorriu para os homens que o seguiam calados, em posição de sobressalto e expectativa. Mas tudo foi rápido. A autoridade jogou-se bruscamente de encontro aos pedaços da porta e estava dentro de casa. E seus olhos, depois os olhos dos soldados, testemunharam a cena inesperada. Indiferente ao que se passava, alisando com ternura a cabeça do filho morto, a mulher balbuciava palavras que eram uma denúncia de louca:

-Eles voltaram, meu filho! Você não estava mais em casa. Daqui a gente ouvia os gritos dela dentro do mato. Eu vi, eu vi, meu filho! Eram eles, os mesmos que desgraçaram a outra! Os homens de cáqui que estão lá fora!

E o pranto rouco e profundo de loucura cresceu dentro da casa, encheu a manhã clara de sombrias cores noturnas.

*Aluísio Furtado de Mendonça*

*Transcrito do livro Contistas Norte-Rio-Grandenses.*



# Chico Antonio e o "Boi Tungão"

*Francisco Antonio Moreira, (Chico Antonio), nasceu em 1902, nas ribeiras do Curimataú, num lugarejo chamado Côrte, próximo à vila de Cuitizeiras, atual cidade de Pedro Velho.*

**A**vocação para o repente manifestou-se desde cedo. Menino, ainda por volta dos quinze anos, mandou fazer um ganzá, (contra a vontade do pai), e começou, desde então, o seu trabalho de demolição nas hostes inimigas, rasgando o cartaz de muitos coqueiros tradicionais.

Em 1929, levado pelo compadre Antonio Bento de Araújo Lima, conheceu, no Engenho "Bom Jardim", município de Goianinha, o escritor Mário de Andrade, figura maior da Semana da Arte Moderna de São Paulo, em visita ao Rio Grande do Norte que, não apenas se deslumbrou com sua arte de cantar coco, como o projetou nacionalmente, escrevendo páginas e mais páginas de profunda admiração pelo coqueiro, desde as referências nas "Danças Dramáticas do Brasil", "Os Cocos" "Melodias do Boi", passando pelas crônicas de "O



Chico Antonio e o escritor Antonio Bento

Turista aprendiz", até um livro inteiro sobre o embolador, "A vida do cantador" homenagem de um gênio da Literatura brasileira a outro gênio, da nossa cultura popular

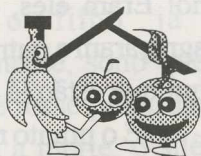
O regresso de Mário a São Paulo, lança Chico, outra vez, no anonimato.

Com a sua redescoberta, no dia 15.08.1979, durante uma pesquisa que realizávamos para a Fundação José Augusto, cinquenta anos depois da partida de Mário, Chico passou a receber, então da Cultura Nacional, as homenagens que merecia: gravação do "long-playing" "Na pancada do ganzá", pela FUNARTE; "Chico Antonio, o herói com caráter", vídeo de Eduardo Escorel, premiado em Festival de Cinema da Bahia; apresentação do coqueiro no "Som Brasil", programa de Roland Boldrin, na TV Globo; Seminários, tablóides, Participação em Encontros culturais, etc.

Chico Antonio morreu no dia 15.10.1993.

Foto: Mário de Andrade

## A Ki-Tanda



**Frutas, Verduras, Carnes,  
Mel de Abelha e Engenho,  
Ovos Caipira, Produtos do Sertão,  
Frios, Biscoitos e Doces Caseiros**

Av. Antonio Basilio, 2703 - Lagoa Nova -  
Tel.: 206-5612-Natal-Rio Grande do Norte

## CASA DO PEIXE LTDA



**Camarão, Peixe, Lagosta,  
Carne de Caranguejo,  
Marisco, Ostra e Etc.**



**Ney Aranha Marinho Júnior**  
Sócio Gerente



Rua São João, 4 (Canto do Mangue) - Rocas - Natal/RN  
Tel.: (084) 221-4917/982-2085

Antônio Bento chamou-o de cantador Surrealista pelo enredo dos cocos que ele cantava; Mário de Andrade comparou-o a Caruso e ao Uirapuru do Amazonas, pelo encantamento que sua voz despertava sobre os auditórios que o ouviam.

As duas maiores figuras de produtores da Literarura Popular do Rio Grande do Norte são Fabião das Queimadas e Chico Antonio.

O primeiro, viveu oitenta anos e é o criador do "Romance do Boi da mão-de-pau", além de muitos outros; o segundo, morreu aos 91 anos e é o autor do "Coco do Boi Tungão" e de outras dezenas de cocos, mais. Além da longevidade e da semelhança na criação poética (ambas as peças citadas nominalmente têm nome de boi), há ainda um detalhe interessantíssimo que os aproxima: seus poemas (O Romance e o Coco), respiram uma aura de mistério e de magia que os distingue das demais criações literárias do nosso povo.

Do Boi da mão-de pau, sabe-se que o vaqueiro que o derrubou e provocou a sua morte, foi assassinado tempos depois, por um familiar seu, conforme nos

informa Ivo Ferreira Neto e passou a vagar, como alma penada, nos mesmos campos que o "Mão-de-pau" palmilhava.

Com o Coco do "Boi Tungão", esse clima de magia começa no próprio poema, pois, muito embora tenha o nome de Boi Tungão, o coco trata realmente de uma viagem do embolador ao reino do Inferno, para desafiar o Maioral e aprender a cantar o Coco alagoano, inegavelmente o mais bonito do Brasil.

Conta-se do Boi Tungão que toda vez que Chico Antonio o cantava, coisas estranhas aconteciam.

Contratado certa vez para uma cantoria com outro coqueiro, conforme me contou Genar Bezerril, de Pedro Velho, logo que Chico

Antonio começou o Boi Tungão, um vento frio e misterioso começou a circular pelo salão, provocando arrepios na assistência, o que levou o dono da casa a sugerir:

Vamos fazer o seguinte: eu pago a vocês agora e a gente termina a cantoria noutro dia.

Chico Antonio e o "Boi Tungão" ficarão para sempre, não apenas na literatura popular do Rio Grande do Norte, mas, na própria Literatura Brasileira, não apenas pelo seu valor intrínseco que é inegável, mas, pela premonição de um bruxo das letras nacionais, chamado Mário de Andrade, que os estudou e nacionalizou.

*Deífilo Gurgel.*



*Chico Antonio em 1989.*



## EMSERV

**Empresa de vigilância e Transporte  
de Valores LTDA.**

Av. Campos Sales, 682 - Tel.: (084) 211 4955 - Natal/RN  
Rua Epitácio Pessoa, 527 - Bom Jardim - Mossoró/RN

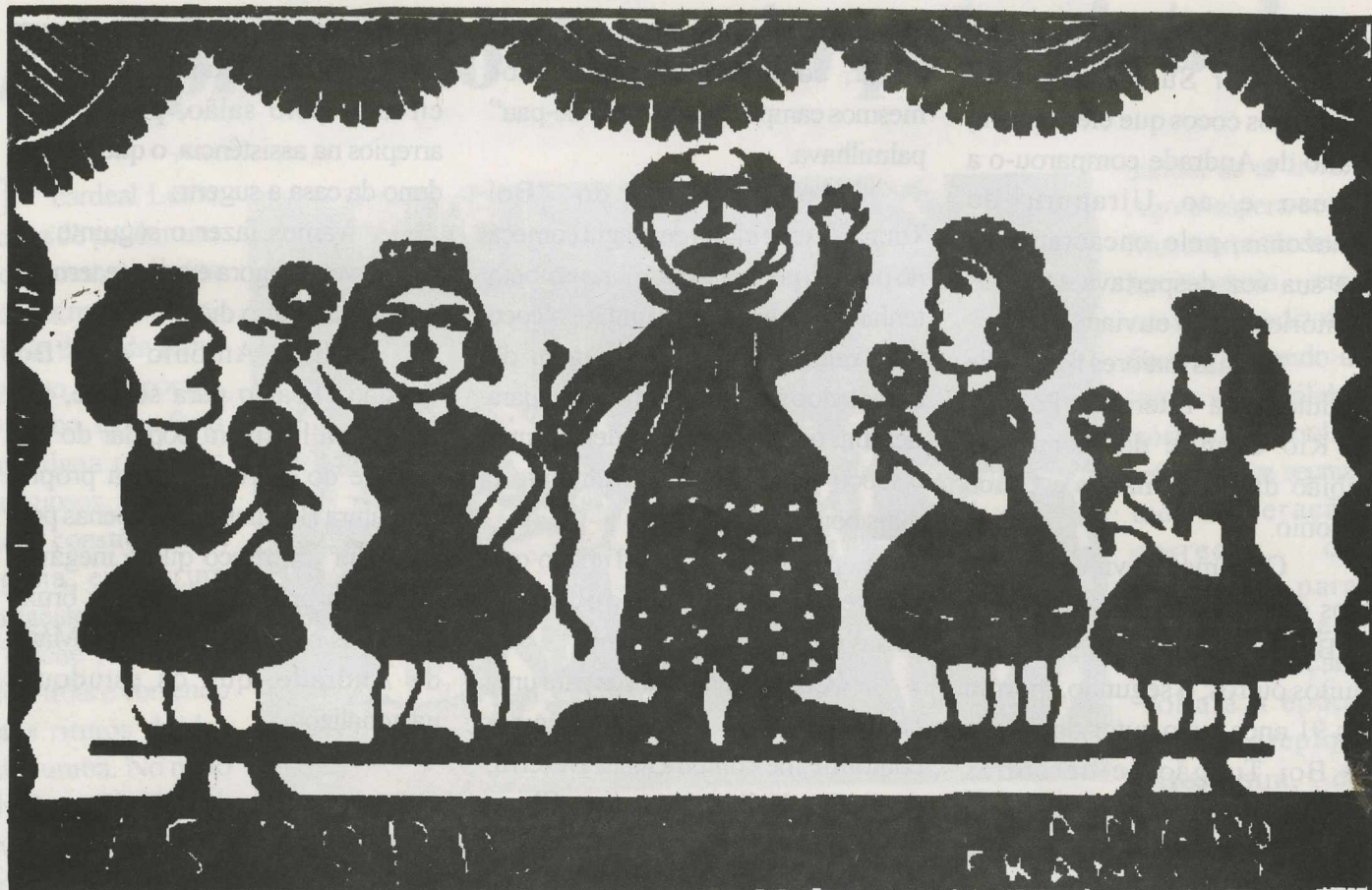
**A MAIOR VARIEDADE EM LIVROS**  
CIÊNCIA - TECNOLOGIA  
ARTE - LITERATURA



COOPERATIVA CULTURAL UFRN

SUA LIVRARIA  
NO CAMPUS

**Centro de Convivência Djalma Marinho, lojas**  
08/09 - Fone: 211-9230



# Lapinha

Lembro-me, ainda. Eu era garotão, exigindo calças compridas que, naquele tempo só seriam possível usá-las os meninos de 15 anos de idade, acima, fui assistir uma "Lapinha", no pomar da residência do mestre Caldas Moreira, espírito aberto às belezas da música, exímio artista, no seu clarinete e pai de três

galantes senhoritas, que integravam o conjunto cênico da "Lapinha", interpretando os papéis de Mestra, Contra-Mestra e "Diana".

A quadratura do terreiro coberta de frondosas árvores, estava iluminado por bicos de acetileno, distribuídos em cada ângulo do perímetro, para melhor visão do

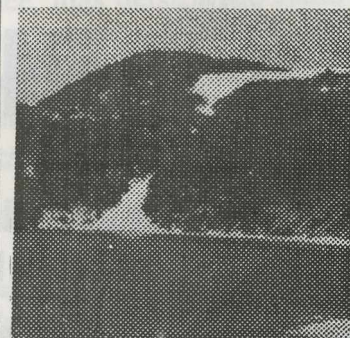
auditório.

Muita gente, boa gente, de categoria, de gabarito. O juiz de Direito, o vigário, o Chefe de Polícia, desembargadores, advogados, médicos e famílias, ocupavam a parte fronteira do tablado, merecendo a honra e as fidalguias do anfitrião.

## iglesias

Arquitetura  
Imóveis  
Turismo

- Projetos, pagamento facilitado.
- Iglesias compra, vende, aluga seu imóvel
- Alugue seu imóvel no verão com lucro e segurança



Rua Pedro Fonseca, 8989. Ponta Negra - Natal-RN-Fone:236 - 3635 -fax: 219-4000.  
Obs: Casa do telhado branco em frente à torre celular e-mail: iglesias@eol.com.br

Iniciadas as jornadas, as "Pastorinhas" enfileiradas, em dois naipes, o bando vermelho e a falange celeste, entraram a cantar a melodia de abertura, em volteios galantes, pelo palco, seguidos da graciosa "Borboleta" e da feiticeira "Diana", que animavam, com suas graciosas medidas, os motivos originais da coreografia.

Assim, sob as mais vivas aclamações, terminou a primeira parte, tendo, no ensejo, o poeta Ferreira Itajubá saudado, em brilhantes palavras a Mestra do Cordão Encarnado, enaltecendo a sua graça e formosura e exaltando o esplendor da cor por ela ostentada, terminando por entregar-lhe uma custosa lembrança em nome dos adeptos do seu cordão.

Sob as mais calorosas salvas de palmas, depois de abafados os aplausos ao poeta Itajubá, assomou à tribuna o consagrado aedo Gotardo Neto que, apesar de não ser dado à festanças, por seu temperamento esquisito, tinha uma verdadeira predileção pela "Lapinha", não perdendo função, onde a houvesse.

Gotardo, culto, inteligente, orador talentoso e fluente, homenageou, com as jóias que trazia guardadas na sua fluente imaginação, o Cordão Azul, tecendo em torno de sua pureza, um labirinto de frases tão eloqüentes, que chegaram a provocar lágrimas, nos olhos dos mais emotivos.

Concluindo a sua saudação, ofertou a Contramestra do Cordão Azul, um mimo, que representava o louvor e o entusiasmo de todos os torcedores do cordão celeste.

Ainda não haviam serenado as manifestações de aplausos do auditório, infiltrando-se pelo meio da assistência, conseguiu alcançar a tribuna o Sr. Felix Gomes Barbosa, mais conhecido por "Felinho" um homem do povo, elemento da patuléia, com tendências a retardado mental, trajando, no momento, calças brancas amarrotadas e um paletó preto e sebáceo, já devendo alguns favores ao lixo. O pobre diabo, que não tinha onde cair vivo, era adepto do cordão encarnado e tinha por mania, imitar o poeta Ferreira Itajubá, lembrara-se, também de fazer uso da tribuna, para tributar homenagens ao bando de sua predileção. Subindo a tribuna, que era indispensável numa função de Lapinha, pois de lá, os oradores inflamados, manifestavam o seu pensamento, Felinho enxugou o rosto com um lenço de bizarro padrão, temperou duas vezes a garganta e, com voz pastosa, gritou, pulmões abertos:

- "A cena a mestre do Encarnado".

A galante senhorita, atendendo-o, apareceu na cena, sob aclamações. E o orador,

retirando do bolso de dentro do paletó, um cartucho de farinha de castanha envolto num papel frisado, de cor vermelha, fê-lo entrega à mimosa figurante.

Em seguida chamou a 1ª Pastora, repetindo o mesmo gesto, fazendo o mesmo com 2ª a 3ª...

Nessa ocasião, um gaiato que ficara em pé junto à tribuna, já de saco cheio, disse em voz alta, para outro companheiro:

- "Tertuliano, desse jeito, a Lapinha vai acabar ao nascer do sol"...

Ouvindo a crítica do espectador, Felinho, irritado e sem se poder conter, retirando do bolso, mais três cartuchos de farinha de castanha, bradou com ênfase:

- "Apois, à cena a "quartima", a "quintima" e a "sextima" pastora, pra acabar com o avexame desse povo".

Com a explosão de formidáveis gargalhadas coletivas, o orador não teve mais vez de permanecer na tribuna, retirando-se indignado. E a Lapinha prosseguiu o ritmo, porém, sempre perturbada, pelas estridentes gargalhadas do povo que não se continha, lembrando as oferendas, bizarras, de Felinho.

Jaime dos G. Wanderley

Transcrito do livro - *É Tempo de Recordar - Natal-1984*

Deputado

Valério Mesquita

1998

Ano do centenário de  
Luís da Câmara Cascudo



COLÉGIO E CURSO  
FERRO CARDOSO  
A MELHOR DEFINIÇÃO DE ENSINO

1998-Centenário de  
Luís da Câmara Cascudo

Av. Prudente de Moraes, 4890 - Lagoa Nova- Fone: 206-3331 / 234-3029  
Praça André de Albuquerque, 12-Centro- Fone:211-2644/222-9910

# O São João Antigo



Ferreira Itajubá

**Q**ue diferença espantosa do São João atual para o de dezesseis anos passados!

No tempo em que não me alvejava os cabelos a neve da velhice e a primavera do ano não me causava inveja à primavera d'alma, os festejos em honra do Precursor do Messias deixavam, sempre, fundas recordações: tal era o fausto dos esplendores, a animação das almas religiosas.

Nos anos em que a estação invernososa corria regularmente, fazia gosto ver, pelo mês de Maria, o milharal

espigas maduras, com que preparavam a saborosa canjica, quatro dias antes das festas em louvor a João Batista, e não havia uma choupana em que, na noite de 23 de junho, não se ouvisse a harmonia tradicional dos terços, acompanhada ao rojão arrastado das violas dolentes e violões magoados.

Depois que as fogueiras amorteciam, muitas vezes, à sombra piedosa de um céu recamado de estrelas, diversos boêmios, levando capelas de ramos de manjerona, adornadas de jasmim laranja percorriam as

pendoado e cheio de espigas louras, esverdeando os campos úmidos, perfumados da exalação das malvas e das rosas silvestres: belas como as flores das laranjeiras.

Os campônios faziam a colheita das

ruas, transformadas em sítios de bananeiras e mamoeiros verdes, cantando cantigas como estas, tão apropriadas à festividade dessa noite:

Se São João bem soubesse  
Quando era o seu dia,  
Descia do céu à terra,  
Com prazer e alegria.

Capelinha de melão  
É de São João,  
A de cravo, a de rosa  
E a de manjeriçãõ.

Boaventura que, nesse tempo, "dava sorte", tangendo as cordas sonoras do seu violão sentimental, não perdia essas lendárias serenatas. que o progresso contemporâneo vai afugentando dos nosso costumes, como já o fez com outras tradições que se foram na correnteza dos anos.

A última vez que o vi, numa dessas diversões sanjuanescas, foi na noite de 23 de junho de 1891.

Estávamos na residência de um velho amigo que muito me estimava por tradições de família, e que como o desditoso boêmio a que me refiro, dorme hoje, também, o sono eterno, à

## S E B O CATA LIVRO

Compra, venda e troca de livros,  
discos, cd's, videos e cassetes  
usados



Matriz na Rua da Conceição, 617,  
Filial na Vaz Gondim, 816, Centro-Natal

VEREADOR  
**Juliano Siqueira**

MANDATO DEMOCRÁTICO - POPULAR



PCdoB

sombra misericordiosa do cipreste,  
junto à cruz mutilada.

O terço havia terminado, as  
prendas prolongaram-se até alta  
noite, e quando a madrugada  
acordou, alva como as fibras  
terníssimas do algodoeiro, ele se  
despediu com a seguinte balada  
popular, muito em voga na época”:

Adeus, parentes, amigos  
Eu quero me despedir,  
Deixando tantas saudades,  
Adeus, adeus, vou partir.

Não sei, meu Deus, como  
possa,

Longe da pátria existir,  
Levando tantas saudades  
Adeus, adeus, vou partir!

E que direi eu de Antonio  
Elias e José Lucas: os dois boêmios  
mestiços da minha terra, que, na  
frase de um dos nossos modernos  
intelectuais, divertiram, com os seus  
violões, uma geração inteira!

Eles que tecem nos cabelos  
os vestígios da velhice e os olhos  
marejados d'água pela inclemência  
dos anos, que saudades não lhes  
despertarei n'alma ao falar-lhes das  
coisas desse passado feliz!

Voltam os dias de São João,  
voltam os dias de Natal e não  
ouvimos mais o rojão das violas nos

casarões humildes, nem o toque  
dos violões acompanhando os  
lunduns alegres do saudoso  
Lourival Açucena, como outrora,  
muitas vezes, à sombra fresca dos  
cajueiros, carregados ou não de  
flores cheirosas ou de frutos  
maduros.

É que da alma do povo vão se  
apagando, dia a dia, os últimos reflexos  
da crença; vão se extinguindo os  
derradeiros anelos pela perseverança  
dos usos e costumes tradicionais.

Lamento, sinceramente, a  
derrubada das tradições que nos  
deixaram aqueles que, atualmente,  
descansam no silêncio augusto da  
necrópole, na terra embalsamada  
do perfume dos goivos.

Hoje em dia, não há mais  
quem cante o:

Sabiá, tu bem sabias,  
Sabias que tu caias,  
Sabiá fica sabendo  
Que tu cais todos os dias

Nem tampouco a:

Copada mangueira,  
Gentil e faceira  
Que, do rio à beira,  
Se vê florear,  
Me lembras o dia  
De amor e folia  
Em que eu terno via  
Marilha cantar!

Não há mais quem se  
lembre dos cajueiros antigos da  
Redinha!

Quantas lendas apagadas  
por aquelas areias saudosas, por  
aquelas árvores seculares, à  
sombra de cujos ramos,  
antigamente, gemeram  
instrumentos musicais,  
divertiram-se boêmios  
apaixonados, repetindo a  
história dos seus amores castos,  
nascidos ao luar merencório das  
nossas noites!


Tenho tédio ao presente,  
gosto de remontar às eras  
remotas, volver ao tempo que  
não volta mais, conversar com  
os velhos: ruínas da mocidade  
sonhadora.

-Eles sempre nos falam  
de uma alegria que tiveram, de  
uma felicidade que acharam, de  
uma esperança que nutriram, de  
uma ilusão que perderam

E, como tudo isso  
consola aquele que da velhice  
vai-se aproximando, sobre as  
ruínas dos sonhos mortos, das  
ilusões perdidas, como eu!

*Ferreira Itajubá.*

**O BONDE - 1908**



**O LEGÁRIO**  
**O FEDERAL DO PT**  
**1320**



**MINEIRO**  
**DEP. EST. 13666**

# Arte e Futebol

...Eu me orgulho desta terra potiguar, quando vou para o gramado ver o ABC jogar  
Dozinho

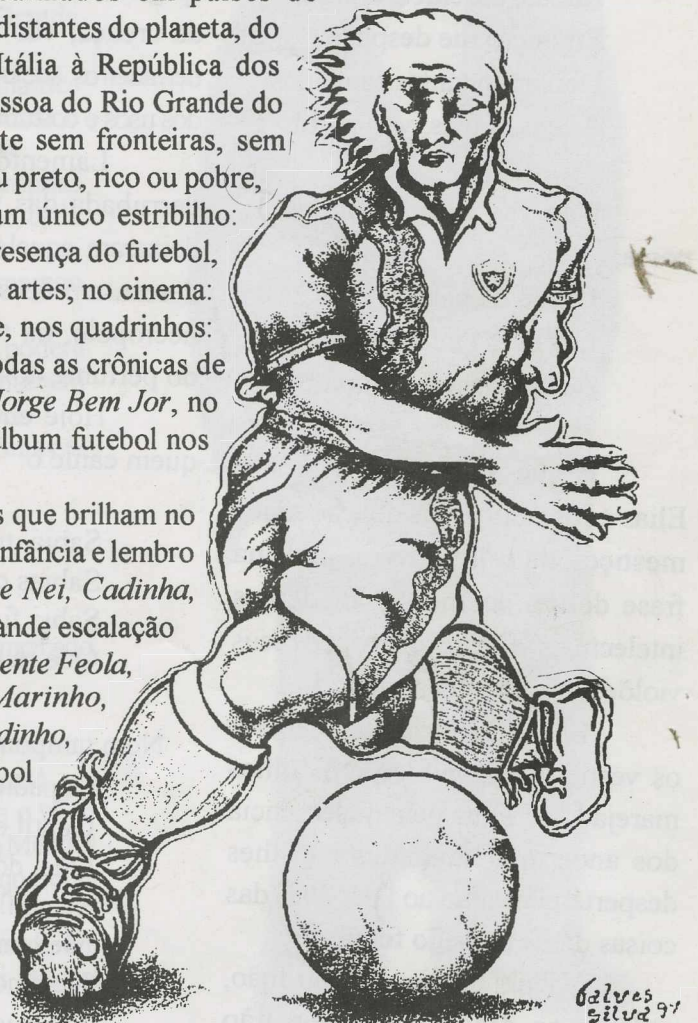
A origem do futebol é inglesa, mas foi o Brasil que elevou este esporte à categoria internacional com seus quatro títulos de campeão mundial.

Atualmente a quantidade de campeonatos realizados em países de nacionalidades diversas, unifica os povos nas regiões mais distantes do planeta, do Japão ao México, da Arábia Saudita à Argentina, da Itália à República dos Camarões, da Austrália ao Brasil, de São Paulo a João Pessoa do Rio Grande do Sul ao Rio Grande Norte, formando assim uma corrente sem fronteiras, sem preconceitos, sem discriminação, social ou racial; branco ou preto, rico ou pobre, homem ou mulher, o velho e o menino, todos juntos num único estribilho: GOOOLLL!!! Onde quer que exista uma bola, lá estará a presença do futebol, esporte que já influenciou artistas de vários segmentos das artes; no cinema: *Garrincha alegria do povo*, de Joaquim Pedro de Andrade, nos quadrinhos: *O Ano da Mulher*, de Luiz Gê, *Pelezinho*, na literatura: todas as crônicas de *Nelson Rodrigues*, na música de *Jackson do Pandeiro* e *Jorge Bem Jor*, no desenho *Newton Navarro* mostrou virtuosismo com seu álbum futebol nos anos 70.

América, ABC, Alecrim são os três grandes clubes que brilham no gramado Potiguar. Particularmente, sou abecedista desde a infância e lembro aqui os nomes de *Edson, Toré e Tatá, Badidiu, Gonzaga e Nei, Cadinha, Sileno, Biró, Jorginho e Paulo de Izidro*, como sendo a grande escalação do ABC do início dos anos 60. *Garrincha, Pelé, Gilmar, Vicente Feola, Telê Santana, Didi, Tostão, Belini, João Saldanha, Marinho, Alfonsinho, Sócrates, Zico, Albery, Bebeto, Romário, Ronaldinho, Túlio, Dunga, Edmundo, Zagallo* e tantos que fazem do futebol a alegria do povo, a eles dedico este álbum.

“Esse jogo não pode ser 1x1 se meu time perder eu mato um”

BO TA FO GO! BRASIL FUTEBOL GOL!



FALVES SILVA

20  
Anos

## GRUPO DINÂMICO

ORGANIZAÇÃO: JOSÉ HENRIQUES BITTENCOURT

Cursinho Dinâmico  
Pré Vestibular  
Rua Apodi, 243 - Fone: 211-8508

Colégio Dinâmico  
Ensino Médio e Fundamental  
(1º a 2º Graus)  
Rua José de Alencar, 818  
Fone: 222-0992 - Cidade Alta

Centro Dinâmico de Educação  
Educação de Jovens e Adultos  
Av. Deodoro, 817 - Fone: 221-1169  
Cidade Alta